

Capítulo IV

Efeitos das Variáveis Sociodemográficas na Criatividade⁷

Ana C. Lemos, Filipa M. Gomes, & Lucilina Gouveia

Universidade da Madeira

Resumo

Este estudo investiga a relação existente entre a criatividade e os fatores sociodemográficos e, se a perceção que as pessoas têm da sua criatividade corresponde ao *score* final obtido. A amostra por conveniência é composta por 42 sujeitos, 19 homens e 23 mulheres, entre os 14 e os 58 anos. As habilitações literárias dos sujeitos variam entre o 1º ciclo e o ensino superior. Foi utilizada a *Prova de Avaliação do Pensamento Divergente* (PAPD) para avaliar a criatividade dos participantes. Relativamente ao *score* final apurou-se que não existem diferenças significativas nas variáveis género, idade e habilitações literárias. No que concerne à perceção da criatividade dos indivíduos, a do sexo masculino foi superior à perceção do sexo feminino.

Palavras-chave: Criatividade, variáveis sociodemográficas, Prova de Avaliação do Pensamento Divergente.

⁷ Autor de Contacto: Lucilina Gouveia, lucy.gouf@gmail.com

Chapter IV

The effect of socio-demographic variables on creativity⁸

Ana C. Lemos, Filipa M. Gomes, & Lucilina Gouveia

University of Madeira

Abstract

This study explores the relationship between creativity and socio-demographic factors and if the perception that people have of their creativity corresponds to the final score. The convenience sample consists of 42 subjects, 19 men and 23 women, between the ages of 14 and 58 years old. The education levels of the subjects ranges from elementary school to college. In this study, creativity was measured using the *Prova de Avaliação do Pensamento Divergente* (PAPD). On the final score it was found no significant differences in gender, age and qualifications variables. Regarding to the perception of creativity, the perception of men was higher than the women's.

Keywords: Creativity, socio-demographic variables, *Prova de Avaliação do Pensamento Divergente*.

⁸ Contact Author: Lucilina Gouveia, lucy.gouf@gmail.com

Introdução

A criatividade é um processo e uma particularidade humana usualmente contemplada como um elemento primário para o desenvolvimento de uma sociedade, especificamente nas sociedades ocidentais (Cheung, & Lau, 2013; Seabra, 2007).

Alguns dos nomes de maior referência na esfera do estudo da criatividade são Torrance, Gardner, Runco e Sternberg. A ascensão do reconhecimento do termo de criatividade em Psicologia deve-se a Guilford, após a publicação de um artigo intitulado “Creativity”. Este autor contribuiu com conhecimento nesta área específica, sendo que sugeriu a disparidade entre pensamento convergente e divergente (Jesus et al., 2012). Outro autor que realizou estudos primordiais nesta área foi Torrance (Wang, 2011, citado por Bart, Hokanson, Sahin, & Abdelsamea, 2015), que estreou a concepção da criatividade como um elemento independente da inteligência, ao contrário de Guilford, que a contemplava como constituinte da mesma. Torrance é também conhecido pela criação de um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da criatividade, o *Torrance Tests of Creative Thinking* (Jesus et al., 2012).

Pode definir-se criatividade como a capacidade de gerar ou desenvolver certas ideias, teorias, soluções, técnicas ou simplesmente pensamentos que sejam de caráter original e inovador (Abraham, 2015; APA, 2009).

O pensamento criativo foi definido por Torrance (1988, citado por Seabra, 2007) como o sistema e habilidade de ter consciência dos problemas e de omissões numa informação, criar hipóteses, avaliando-as e, por fim, comunicar os resultados obtidos (Miranda, & Almeida, 2008).

Torna-se relevante referir e definir os conceitos de pensamento divergente e pensamento convergente. O pensamento divergente é um pensamento criativo no qual um sujeito encontra várias soluções, de acordo com a informação que lhe está

disponível e emprega técnicas que se desviam das utilizadas comumente. Por outras palavras, o indivíduo cria ideias únicas e diversificadas quando lhe é dada liberdade de escolha em relação a atividades ou perguntas (Cropley, 2006; Garcês, Pocinho, Jesus, & Viseu, 2016). Runco, Dow, & Smith, 2006, citados por Sayed, & Mohamed, 2013). Quanto ao pensamento convergente, trata-se da seleção de uma única solução, a mais apropriada, para responder a uma questão ou problema (Cropley, 2006).

Para avaliar a criatividade convém ter em conta que uma solução ou produto criativo é aquele determinado como original e relevante. O nível de originalidade de uma dada resposta é definido em termos de novidade, singularidade ou raridade estatística, onde a importância é avaliada em termos de funcionalidade e utilidade para responder a um fim particular ou a um contexto específico (Runco, & Jaeger, 2012, Stein, 1953, citados por Abraham, 2015).

Idade

A idade é um fator cuja influência na criatividade é avaliada e estudada por diversos autores. Assim sendo, procuram descobrir se existem diferenças na habilidade de pensamento criativo relacionadas com a idade, isto é, se esta diminui, aumenta ou mantém-se no decorrer do ciclo vital. Na literatura parece não existir um consenso no que diz respeito à relação entre a criatividade e a idade (Wu, Cheng, Ip, & McBride-Chang, 2005), no entanto, a maior parte dos investigadores sustenta que existem diferenças e que o desempenho criativo pode ser encontrado em pessoas de todas as idades (Cropley, 1995).

Diversos autores afirmam que apesar de muitas crianças serem criativas quando são muito novas, é estimado que esta criatividade diminua cerca de 40% entre

os 5 e 7 anos (Grupás, 1990, McCormick. & Plugee, 1997, citados por Kerka, 1999). Nesta altura, as crianças iniciam a sua escolaridade, e é também nesta fase que o desenvolvimento cognitivo dá maior ênfase a aspetos relacionados com o pensamento lógico do que com o pensamento divergente, o que poderá justificar esta diminuição (Albert, 1996, citado por Kerka, 1999).

Alguns estudos demonstraram que a criatividade aumenta à medida que as crianças envelhecem, como o estudo realizado em 2013 por Stefania e Eleonora que contou com a participação de 361 crianças com idades compreendidas entre os cinco e os 11 anos, apurou que a competência criativa não aumenta de modo linear com a idade, mas que, as crianças mais velhas compreendiam desenhos mais originais e elaborados comparativamente às crianças mais novas. Outro estudo, realizado por Smith e Carlsson (1985, citados por Wu et al., 2005) verificou um aumento da criatividade em adolescentes entre os 14 e os 16 anos.

Pode dizer-se que o aspeto que suscita maior controvérsia é se na realidade a criatividade declina após a meia-idade, isto é, após os 40 anos. Alguns estudos sugerem que o maior potencial criativo ocorre entre os 30 e os 40 anos e que, posteriormente inicia-se um declínio (Costa, Páez, Sánchez, Garaigordobil, & Gondim, 2015). Este decréscimo origina, em grande parte, a ideia de que as pessoas mais velhas não possuem criatividade (Kerka, 1999). No entanto, não se pode acreditar que não existe pensamento criativo, o que acontece é uma transformação do mesmo, que pode ser originada pela combinação de mudanças cognitivas, efeitos de fatores externos como normas sociais, ou fatores internos como motivação e personalidade (Cropley, 1995).

Por outro lado, o autor Goleman (1992, citado por Nascimento, 2011) declara que o estado criativo encontra-se distante de enfraquecer com a idade, podendo ficar

cada vez mais forte e acentuado se o sujeito permanecer focado nos seus objetivos. Deduz-se assim, que apesar da situação culminante da criatividade humana acontecer antes dos 40 anos, podem criar-se resultados extraordinários em todas as idades (Seabra, 2007).

Género

No que concerne ao género, este é uma variável sociodemográfica que tem recebido muita atenção por parte de muitos investigadores. Existem vários estudos e autores que tentam descobrir se as mulheres são mais criativas do que os homens ou vice-versa, ou se, na realidade, não existem diferenças (Abraham, 2015; Cheung, & Lau, 2010). Na verdade, o estudo das diferenças de género é um tema complexo que gera muita controvérsia, pelo que a literatura não permite obter conclusões consistentes (Kemmelmeier, & Walton, 2016).

Certas investigações demonstraram que as mulheres estão propensas a ter níveis mais elevados de criatividade do que os homens (Anwar, Shamim-ur-Rasool, & Haq, 2012; Awamleh, Al Farah, & El-Zraigat, 2012; Cheung, & Lau, 2010; Kousoulas, & Mega, 2009). Como exemplo, o estudo realizado por Awamleh e colegas, em 2012, que contou com a participação de 63 estudantes, 31 rapazes e 32 raparigas demonstrou que o sexo feminino possuía níveis mais elevados nos subtestes de fluência e flexibilidade.

Por outro lado, outros estudos revelam que é o sexo masculino que detém *scores* mais elevados de pensamento criativo (Almeida, Nogueira, & Silva, 2008; Bender, Nibbelink, Towner-Thyrum, & Vredenburg, 2013; He, Wong, Li, & Xu, 2013; Stoltzfus, Nibbelink, Vredenburg, & Thyrum, 2011). Recentemente, o estudo realizado

por Bender et al., em 2013, com 447 estudantes, 142 homens e 305 mulheres, apurou que os sujeitos do sexo masculino possuíam potencial criativo mais elevado.

Em oposição aos resultados anteriores, alguns estudos não encontraram diferenças na performance criativa entre os géneros (Ayyıldız-Potur, & Barkul, 2009; Baer, & Kaufman, 2008; Sayed, & Mohamed, 2013). Por fim, existem também alguns estudos cujos resultados são mistos como por exemplo a investigação levada a cabo por He e Wong (2011), que contou com a participação de 499 rapazes e 486 raparigas, e que apurou que ambos os géneros têm os seus pontos positivos e negativos relativamente ao pensamento criativo.

Um tópico estudado, mas em menor escala, é a diferença de género na auto-perceção da criatividade, sendo que alguns autores não encontraram diferenças (e.g., Chan, 2005, citado por Kimmelmeier, & Walton, 2016) e outros apuraram que os homens se auto percecionavam mais criativos em áreas tipicamente atribuídas ao sexo masculino e as mulheres se auto percecionavam mais criativas em âmbitos associados ao sexo feminino (Kaufman et al., 2009). Kimmelmeier e Walton (2016) afirmam que as pessoas que se consideram criativas estão mais propensas a se comprometerem em tarefas que exigem criatividade e que, conseqüentemente, as diferenças de género no desempenho criativo sejam, em parte, condicionadas pela avaliação que os indivíduos fazem da sua própria criatividade, se estas forem diferentes.

Habilitações literárias

Relativamente às habilitações literárias, na maioria dos estudos apurou-se que elevados índices de escolaridade estão associados a maiores níveis de criatividade,

contudo, existem casos em que parecem não contribuir para o aumento da criatividade.

As habilitações literárias têm sido associadas positivamente à criatividade e à inovação (Kimberly, & Evanisko, 1981, citados por Mostafa, 2005). Num estudo efetuado por Mostafa (2005, citados por Almeida et al., 2008) com operários verificou-se que, o potencial criativo e inovador no trabalho aumentava conforme os níveis de literacia aumentavam. Estes resultados podem ser justificados pelo facto dos indivíduos com maiores índices de escolaridade desenvolverem mais as suas aptidões na criatividade e na inovação, o que facilita a resolução de vários tipos de problemas (Almeida et al., 2008).

Vários autores sugerem que a educação pode dificultar a criatividade, pois faz com que a pessoa se comprometa ao método tradicional de abordagem a um problema, intrínseco a uma certa disciplina (Ochse, 1990). Um estudo com uma amostra de 198 pessoas, uns com o ensino secundário e outros com formação superior, não mostrou diferenças significativas entre sujeitos no que diz respeito à criatividade (Almeida, Nogueira, Jesus, & Mimoso, 2013).

Profissão

A criatividade é fundamental numa profissão, uma vez que permite ultrapassar novos desafios, promove a inovação, fomenta novas ideias e possibilita a eficácia das empresas (Bruno-Faria & Alencar, 1998; Nonaka, 1991, citado por Feliciano, 2012). Note-se que a criatividade não se manifesta apenas em algumas profissões. Todos os tipos de profissões demandam a criatividade, no entanto o tipo e as características da tarefa ou do problema é que determinam se a atividade é criativa ou não (Kunrath, 2014).

Existem fatores individuais e ambientais que influenciam a manifestação criativa nas profissões. No que concerne aos fatores individuais, Amabile (1996, citado por Kunrath, 2014) constatou que a criatividade depende de três componentes, o domínio do conhecimento, as competências criativas e a motivação, sendo que a criatividade vai variar conforme o nível de cada um destes. O primeiro abrange o domínio de técnicas, habilidades e conhecimento na área de atuação (Kunrath, 2014). O segundo refere-se ao estilo de trabalho, habilidades cognitivas, traços de personalidade e à capacidade de usar estratégias que conduzam à criação de novas ideias (Feliciano, 2012). Finalmente, a motivação pode ser intrínseca ou extrínseca e está relacionada com o envolvimento e contentamento do indivíduo na execução das tarefas (Amabile, 1997, citado por Feliciano, 2012).

No que diz respeito ao ambiente de trabalho, este pode suscitar a criatividade através da sua capacidade de influenciar a motivação, através, por exemplo, dos líderes, recompensas e interação entre colegas (Amabile, 1996, citado por Kunrath, 2014). Neste sentido, a liderança revela ser um fator fundamental no contexto laboral, sabe-se que é necessário que um líder apresente um conjunto de características específicas para que seja possível o desenvolvimento, a inovação e sobrevivência da organização. Um líder deverá dominar técnicas de pensamento criativo, ter habilidades sociais e cognitivas, saber liderar as pessoas, ou seja, deve saber estimular a atividade intelectual e o envolvimento dos seus funcionários, bem como prover suporte, liberdade e autonomia (Kunrath, 2014). Deverá também saber orientar o trabalho e interagir com a organização, no sentido de estabelecer metas, determinar a estrutura do grupo e criar um clima no grupo que favoreça a criatividade (Kunrath, 2014). Teng e Wijnen (1990, citados por Feliciano, 2012) evidenciaram que os funcionários têm mais ideias criativas quando o nível de encorajamento fornecido

pelos seus supervisores é mais elevado. Além do suporte do líder, é necessário que exista apoio e companheirismo entre os colegas de trabalho, o que irá aumentar a motivação intrínseca e elevar os níveis de criatividade (Shalley, Zhou, & Oldman, 2004, citados por Feliciano, 2012). Outros fatores estimulantes são as recompensas, sendo que alguns autores defendem que as recompensas ou o reconhecimento das competências pessoais promovem a criatividade (Eisenberger, 1992, Eisenberger & Ameli, 1997, citados por Feliciano, 2012).

Cultura

A noção de cultura pode ser compreendida, segundo Tyler, como “todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade” (1860, citado por Giner, Espinosa, & Torres, 2013, p. 190).

Relativamente à criatividade, segundo *Glăveanu (2010)*, *a criatividade é um processo social, cultural e individual. É individual porque depende das capacidades do sujeito e dos seus conhecimentos. É também sociocultural, pois as habilidades do indivíduo se desenvolvem com a interação social e porque a criatividade se expressa num contexto cultural específico (Damião, 2015)*. Posto isto, a criatividade é subjetiva e depende do momento da história, bem como da cultura em que o indivíduo se encontra (Alencar, 1988, citado por Damião, 2015).

No que respeita às culturas Ocidentais e Orientais, existe uma discordância quanto às noções de criatividade que cada sociedade transmite à sua população. Em relação ao Oriente, o pensamento e abordagens à criatividade são mais intuitivos e associados à paz interior e a tradições. O facto dos seus valores assentarem em ideais de interdependência, cooperação e autoridade, faz com que a sua perceção de

criatividade seja diferente de outras culturas. Por outro lado, as sociedades Ocidentais estão direcionadas para o progresso e solução de problemas, sendo que as visões destas culturas incidem bastante sob a lógica (Rudowicz, 2003).

É importante referir que sujeitos com dupla nacionalidade têm sido alvo de estudo no que concerne à criatividade (Leung, Maddux, Galinsky, & Chiu, 2008, Maddux & Galinsky, 2009, citados por Saad, Damian, Benet-Martínez, Moons, & Robins, 2013). O facto destes indivíduos interiorizarem os valores, normas e comportamentos de cada cultura, faz com que consigam ter vários pontos de vista, o que facilita a criação de ideias originais (Crisp & Turner, 2011, Leung et al., 2008, Maddux & Galinsky, 2009, citados por Saad et al., 2013).

Posto isto, é fundamental referir que o principal objetivo deste estudo consiste em comparar os resultados obtidos com o que se encontra na literatura, isto é, verificar se a criatividade varia entre os sexos e idades e se se altera conforme os níveis de habilitações literárias. Outro objetivo é apurar se as perceções dos indivíduos face à sua inteligência e criatividade coincidem com os resultados. Pretende-se ainda investigar a existência de relações entre as variáveis sociodemográficas estudadas.

Método

Participantes

A amostra por conveniência inclui 42 participantes madeirenses, 19 do sexo masculino e 23 do sexo feminino, com a idade mínima de 14 anos e a máxima de 58, com média de 32 anos.

Relativamente às habilitações literárias, a amostra é diversificada, visto que 21 dos sujeitos têm o ensino superior, 12 frequentaram ou frequentam o ensino

secundário, seis concluíram o 2º e 3º ciclo e, por fim, três terminaram o 1º ciclo. Em relação à média, existem nove sujeitos que não possuem média, uma vez que frequentaram apenas o 1º, 2º e 3º ciclo. Não se possui dados de três indivíduos que frequentaram o ensino secundário pois não se recordavam da sua média. Dos 30 dados que foram recolhidos verifica-se a existência de uma média mínima de 11 valores e máxima de 18. Assim sendo, a média da média académica é 14.33 valores e o desvio padrão é de 1.98 valores.

No que concerne às profissões dos sujeitos existe uma predominância dos estudantes, que corresponde a 18 sujeitos da amostra. Existem também três professores, duas enfermeiras e uma educadora de infância na amostra. As restantes profissões abrangem as mais variadas áreas. Além disso, 39 dos indivíduos estão ativos na sua profissão, neste momento, e somente três estão desempregados.

Em relação aos hobbies dos sujeitos, verifica-se que a atividade mais praticada é passear ($n = 5$), no entanto, também se destacam jogar futebol ($n = 3$), ler ($n = 3$) e ouvir música ($n = 3$). Nota-se ainda que a agricultura ($n = 2$), a natação ($n = 2$) e ralis ($n = 2$) são também atividades de grande aderência. Parece haver uma predominância por atividades ao livre, relativamente a atividades que se podem realizar dentro de casa, como por exemplo ver televisão.

Relativamente à perceção dos indivíduos face à sua inteligência e criatividade, apurou-se que, tendo em conta a escala de *Likert* de um a cinco, a numeração mínima da perceção da inteligência foi dois e a máxima cinco, sendo que a média é de 3.76 e o desvio-padrão é de 0.76. Quanto à perceção da criatividade, a numeração mínima mencionada pelos sujeitos foi um e a máxima cinco, tendo a média de 3.60 e o desvio padrão de 0.91 (Tabela 1).

Tabela 1

Estatísticas Descritivas: Percepção da Criatividade e da Inteligência

	<i>N</i>	Mínimo	Máximo	<i>M</i>	Desvio Padrão
Percepção da Inteligência	42	2	5	3.76	0.76
Percepção da Criatividade	42	1	5	3.60	0.91

Instrumentos

Usou-se a *Prova de Avaliação do Pensamento Divergente (PAPD)* (Pocinho, Garcês & Pita, 2015), composto por três questões, cronometrada. Garante-se a confidencialidade das respostas.

A prova inicia-se com a pergunta “Diz tudo aquilo que poderias fazer com uma caixa de cartão” (2 minutos); depois a pergunta “Diz tudo aquilo que te lembras com a cor verde”, (2 minutos) e a última pergunta “Observa a imagem com atenção. Imagina tudo aquilo que poderia estar a acontecer nesta imagem” (4 minutos).

Procedimento

Os 42 questionários foram aplicados por três investigadores e recorreu-se a uma amostra por conveniência a familiares e amigos. Ao apresentar a prova, foi pedido aos participantes que lessem o enunciado e de seguida, foi desvendada e explicada a primeira pergunta. A resposta foi cronometrada, sendo que o mesmo procedimento foi executado para as restantes perguntas, tendo em conta o tempo exigido no questionário. Note-se que as perguntas não foram reveladas ao mesmo tempo, de modo a permitir que o indivíduo dirigisse a sua atenção e criatividade apenas para uma questão. É de acrescentar que foi tido em conta o local de execução,

visto que o ruído e a presença de outras pessoas poderiam dificultar a concentração, bem como influenciar a criatividade dos participantes. Durante a cronometração do teste, foi dado espaço aos participantes para que estes não se sentissem pressionados. Os investigadores também negaram qualquer ajuda no que concerne à dica de respostas. Além da prova, foram recolhidas informações sociodemográficas, como idade, profissão, hobbies, entre outros, perguntou-se ainda, tendo em conta a escala de *Likert*, se se consideravam inteligentes e criativos.

Resultados

De acordo com a análise de confiabilidade de Alfa de Cronbach (Tabela 2), houve um acordo entre os inter-observadores. As dimensões flexibilidade e fluência demonstram um Alfa de Cronbach muito bom, entre .85 e .99, à exceção da flexibilidade da Questão 3, em que a consistência interna é razoável (.69).

Tabela 2

Confiabilidade: Alfa de Cronbach

Dimensões	Alfa de Cronbach
Fluência Questão 1	.95
Flexibilidade Questão 1	.89
Fluência Questão 2	.99
Flexibilidade Questão 2	.87
Fluência Questão 3	.85
Flexibilidade Questão 3	.69

Com base nos resultados obtidos, observa-se que a percepção de inteligência entre indivíduos dos dois sexos é semelhante, sendo que a média do sexo masculino é de 4.00 e a do sexo feminino é de 3.57 (tabela 3). No caso da percepção que os

homens têm da sua criatividade, esta é mais elevada ($M = 3.89$) em comparação à percepção que as mulheres têm de sua própria criatividade ($M = 3.35$) (tabela 3). No entanto, não há diferenças significativas entre os gêneros, tendo em atenção o valor de $p = .547$, ou seja, $p > .05$.

Tabela 3.

Diferenças inter-grupais relativamente à Percepção da Inteligência e Criatividade em função do género

	Sexo	<i>N</i>	<i>M</i>	Desvio Padrão	Erro Padrão
Percepção da Inteligência	Masculino	19	4.00	0.88	0.20
	Feminino	23	3.57	0.59	0.12
Percepção da Criatividade	Masculino	19	3.89	0.88	0.20
	Feminino	23	3.35	0.89	0.18

Verifica-se de igual modo, que não existem diferenças significativas ($p > .05$) tendo em consideração as habilitações literárias na percepção que os sujeitos têm da sua inteligência ($p = .583$) e criatividade ($p = .836$) (Tabela 4).

Tabela 4.

Análise de variância unidirecional: Percepção da Inteligência e Criatividade em função das habilitações

		Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	<i>F</i>	Sig.
Percepção da Inteligência	Entre Grupos	1.17	3	0.39	0.66	.583
	Nos grupos	22.45	38	0.59		
	Total	23.62	41			
Percepção da Criatividade	Entre Grupos	0.75	3	0.25	0.29	.836
	Nos grupos	33.37	38	0.88		
	Total	34.12	41			

Ao analisar as correlações de *Pearson* entre as variáveis sociodemográficas deste estudo, foi encontrada uma correlação significativa negativa, ao nível .05, entre a idade dos sujeitos e as suas habilitações literárias, sendo o valor da correlação -.381. Constatou-se ainda, a existência de uma correlação significativa positiva, ao nível .01, entre a percepção da criatividade e a percepção da inteligência ($r = .47$).

Para avaliar o total da criatividade dos participantes, transformou-se os resultados brutos em resultados padronizados.

Relativamente ao *score* total, os resultados mostram que o percentil que reúne o maior número de indivíduos é o 60 ($n = 7$). Salieta-se ainda que 21 participantes encontram-se acima do percentil 50 e os outros 21 abaixo deste mesmo percentil. Pode observar-se, assim, que os resultados da amostra são equilibrados. Tendo em conta as extremidades dos percentis, localizam-se, abaixo do percentil 20, dez participantes e acima do percentil 80, verifica-se a presença de 11 indivíduos (tabela 5).

Tabela 5

Estatísticas: Score

Percentis	10	20	25	30	40	50	60	70	75	80	90
	8.30	9.00	9.75	10.00	11.00	11.50	13.00	13.00	14.00	14.00	15.70

Ao avaliar os valores de p , constatou-se que não existem diferenças significativas entre os géneros, visto que $p > .05$ ($p = .363$).

De modo a comparar mais facilmente a criatividade no que concerne às idades dos participantes optou-se por construir duas classes. A primeira classe corresponde às idades compreendidas entre 14 e 35 anos (< 36) e é composta por 27 ($n = 27$) indivíduos e a segunda classe diz respeito às idades compreendidas entre 36 e 58

anos ($> = 36$), e integra 15 sujeitos ($n = 15$). Verifica-se que não existem diferenças significativas em relação às idades pois $p > .05$ ($p = .429$).

Verifica-se na tabela 6 que, relativamente ao score e às habilitações literárias dos participantes, não existem diferenças significativas, visto que $p = .233$.

Tabela 6

Análise de variância: Score tendo em conta as habilitações

<i>Score</i>					
	Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	<i>F</i>	Sig.
Entre Grupos	37.58	3	12.53	1.49	.233
Nos grupos	320.06	38	8.42		
Total	357.64	41			

Por fim, no que concerne ao score tendo em conta a percepção de criatividade, não se verificam diferenças significativas, visto que $p > .05$ ($p = .450$) (tabela 7).

Tabela 7

Análise de variância unidirecional: percepção da criatividade e score

<i>Score</i>					
	Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	<i>F</i>	Sig.
Entre Grupos	33.10	4	8.27	0.94	.450
Nos grupos	324.55	37	8.77		
Total	357.64	41			

Discussão

Dois dos objetivos do grupo foram verificar se as percepções dos sujeitos sobre a sua inteligência e criatividade correspondem aos resultados e se existem correlações entre as variáveis sociodemográficas estudadas. Com base nos resultados obtidos, constatou-se que não existem diferenças entre os sexos no que concerne à percepção da criatividade, contudo, nota-se que há uma tendência para o género masculino se perceber mais criativo do que o género feminino. Em relação à percepção da inteligência, esta é equivalente em ambos os sexos. Kaufman et al. (2009) constataram que os homens normalmente se auto-percebem mais criativos em áreas tipicamente atribuídas ao sexo masculino. No que concerne à percepção da criatividade e inteligência, tendo em conta as habilitações, não existem diferenças significativas, o que significa que o facto de os indivíduos terem maiores níveis de escolaridade não condiciona a sua percepção sobre a sua inteligência e criatividade.

Verificou-se ainda que existe uma correlação negativa entre a idade do indivíduo e as habilitações literárias, sendo que há uma tendência de o nível de escolaridade ser mais baixo em sujeitos mais velhos. Foi encontrada uma correlação positiva entre a percepção de criatividade e a percepção de inteligência, significando que, quanto maior a percepção de criatividade, maior a percepção da inteligência, e vice-versa.

Outro objetivo do estudo foi comparar os resultados obtidos com a literatura, mais especificamente, verificar se a criatividade varia consoante a idade, o sexo e as habilitações literárias. Relativamente à análise dos resultados do score final, corroborou-se que 21 participantes se encontram acima do percentil 50 e os outros 21 abaixo do mesmo. Deste modo, a nossa amostra revela-se equilibrada, sendo que os indivíduos são razoavelmente criativos, seguindo assim uma distribuição normal.

Relativamente ao género, não se constatou diferenças significativas nos níveis de criatividade entre os sexos. Estes resultados coincidem com os estudos dos autores referidos anteriormente, Ayyıldız-Potur e Barkul, 2009, Baer e Kaufman, 2008, e Sayed e Mohamed, 2013. Note-se que, como foi referido na revisão da literatura, não existem conclusões consistentes nesta área, pois certos estudos demonstram haver diferenças e outros não.

No caso da idade, não se verificou igualmente diferenças nos índices de criatividade entre as idades. Relembre-se que a maioria das investigações neste âmbito afirma existir um decréscimo após os 40 anos (Costa et al., 2015), por outro lado, certos autores defendem que essa diminuição não ocorre, sendo a criatividade uma habilidade presente em toda a vida (Goleman 1992, citado por Nascimento, 2011).

Em relação às habilitações literárias, não foram encontradas diferenças significativas. Como foi referido anteriormente, na maioria dos estudos apurou-se que os elevados índices de escolaridade têm sido associados positivamente aos elevados níveis de criatividade, contudo, existem outros estudos como o de Almeida et al., 2013 que revelam não existir diferenças na criatividade conforme os índices de literacia.

No que toca à perceção da criatividade, não se notou diferenças significativas, ou seja, o resultado correspondeu à perceção que as pessoas têm da sua criatividade.

Conclui-se assim que os resultados não transparecem diferenças significativas relativamente ao género, à idade e às habilitações, corroborando alguns pontos encontrados na literatura e confirmando a inconsistência das conclusões sobre estas variáveis. Constatou-se igualmente que a perceção da inteligência e criatividade corresponde aos resultados finais e que quanto maior é a perceção sobre a

criatividade, maior é a percepção da inteligência e vice-versa. Pode-se então afirmar que os objetivos deste estudo foram cumpridos.

Uma limitação deste estudo é o tamanho da amostra, contando com 42 participantes, sendo mais benéfico ter uma amostra mais alargada e diversificada, de maneira a tornar este estudo mais sólido. Outra limitação foi a inconsistência das habilitações, isto é, não houve um equilíbrio desta variável, pois a maioria dos participantes apresentavam níveis elevados de escolaridade.

Em suma, este estudo visa encorajar outros investigadores a realizar novos estudos, uma vez que são necessários para tornar mais consistente a informação acerca da influência de algumas variáveis sociodemográficas na criatividade e, desde modo, compreender melhor o papel destas variáveis.

Referências

- Abraham, A. (2015). Gender and creativity: an overview of psychological and neuroscientific literature. *Brain Imaging and Behavior*. doi: 10.1007/s11682-015-9410-8.
- Almeida, L., Nogueira, S. I., Jesus, A. L., & Mimoso, T. (2013). Valores e criatividade em trabalhadores portugueses. *Estudos de Psicologia*, 30 (3), 425-435.
- Almeida, L., Nogueira, S. I., & Silva, J. M. (2008). Propensão para inovar e criatividade: um estudo com adultos trabalhadores portugueses. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9 (2), 183-196.

- Anwar, M. N., Shamim-ur-Rasool, S., & Haq, R. (2012). A Comparison of Creative Thinking Abilities of High and Low Achievers Secondary School Students. *International Interdisciplinary Journal of Education*, 1 (1), 1-6.
- American Psychological Association (2009). *APA concise dictionary of psychology*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Awamleh, H., Al Farah, Y., & El-Zraigat, I. (2012). The Level of Creative Abilities Dimensions According to Torrance Formal Test (B) and Their Relationship with Some Variables (Sex, Age, GPA). *International Education Studies*, 5 (6), 138–148.
- Ayyıldız-Potur, A., & Barkul, O. (2009). Gender and creative thinking in education: A theoretical and experimental overview. *ITU Journal of the Faculty of Architecture*, 6 (2), 44–57.
- Baer, J., & Kaufman, J. C. (2008). Gender differences in creativity. *The Journal of Creative Behavior*, 42 (2), 75–105.
- Bart, W. M., Hokanson, B., Sahin, I., & Abdelsamea, M. A. (2015). An investigation of the gender differences in creative thinking abilities among 8th and 11th grade students. *Thinking Skills and Creativity*, 17, 17-24.
- Bender, S. W., Nibbelink, B., Towner-Thyrum, E., & Vredenburg. (2013). Defining Characteristics of Creative Women. *Creativity Research Journal*, 25 (1), 38-47.
- Bruno-Faria, M. F., & Alencar, E. M. (1998). Indicadores de clima para a criatividade: um instrumento de medida da percepção de estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. *Administração*, 33 (4), 86-91.

- Cheung, P. C., & Lau, S. (2013). A Tale of Two Generations: Creativity Growth and Gender Differences Over a Period of Education and Curriculum Reforms. *Creativity Research Journal*, 25 (4), 463-471.
- Cheung, P. C., & Lau, S. (2010). Gender Differences in the Creativity of Hong Kong School Children: Comparison by Using the New Electronic Wallach–Kogan Creativity Tests. *Creativity Research Journal*, 22 (2), 194-199.
- Costa, S., Páez, D., Sánchez, F., Garaigordobil, M., & Gondim, S. (2015). Personal factors of creativity: A second order meta-analysis. *Journal of Work and Organizational Psychology*, 31, 165-173.
- Cropley, A. (1995). *Creative performance in older adults*. Disponível em, <https://www.waxmann.com/fileadmin/media/zusatztexte/postlethwaite/cropley.pdf>.
- Cropley, A. (2006). In Praise of Convergent Thinking. *Creativity Research Journal*, 18 (3), 391-404.
- Damião, M. J. (2015). *A Criatividade Organizacional em Contextos Culturais Diferentes: Um Estudo Comparativo Entre As Forças Armadas Angolanas e Portuguesas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Feliciano, R. A. (2012). *Feedback, cultura e criatividade dos empregados*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Garcês, S., Pocinho, M., Jesus, S., & Viseu, J. (2016). The impact of the creative environment on the creative person, process, and product. *Avaliação Psicológica*, 15, 169-176.

- Giner, S., Espinosa, E. L., & Torres, C. (2013). *Diccionario de Sociología*. Madrid: Alianza Editorial.
- Glăveanu, V. P. (2010). Creativity As Cultural Participation. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 41 (1), 48-67.
- He, W. J., Wong, W. C., Li, Y., & Xu, H. (2013). A study of the greater male variability hypothesis in creative thinking in Mainland China: Male superiority exists. *Personality and Individual Differences*, 55, 882–886.
- He, W. J., & Wong, W. C. (2011). Gender differences in creative thinking revisited: Findings from analysis of variability. *Personality and Individual Differences*, 51, 807-811.
- Jesus, S. N., Morais, F., Pocinho, M., Imaginário, S., Duarte, F. M., Garcês, S., Gil, H., & Sousa, F. (2012). *Escala da Personalidade Criativa. Estudo preliminar para a sua construção*. Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Kaufman, J. C., Waterstreet, M. A., Ailabouni, H. S., Whitcomb, H. J., Roe, A. K., & Riggs, M. (2009). Personality and self-perceptions of creativity across domains. *Imagination, Cognition and Personality*, 29, 193–209.
- Kemmelmeier, M., & Walton, A. P. (2016). Creativity in Men and Women: Threat, Other- Interest, and Self-Assessment. *Creativity Research Journal*, 28 (1), 78-88.
- Kerka, S. (1999). Creativity in Adulthood. *Eric Digest*, 204, 1-7.
- Kousoulas, F., & Mega, G. (2009). Students' divergent thinking and teachers' ratings of creativity: Does gender play a role? *The Journal of Creative Behavior*, 43 (3), 209–222.

- Kunrath, S. E. (2014). *Fatores que influenciam a criatividade nas organizações: um estudo exploratório em empresas brasileiras*. Disponível em, <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105018/000938435.pdf?sequence=1>.
- Miranda, L., & Almeida, L. S. (2008). Estimular a criatividade: O programa de enriquecimento escolar "Odisseia". In Moraes, M. F. & Bahia, S. (1ª edição), *Criatividade: Conceito, Necessidades e Intervenção* (pp. 279 - 300). Braga: Psiquilíbrios.
- Mostafa, M. (2005). Factors affecting organisational creativity and innovativeness in Egyptian business organisations: an empirical investigation. *Journal of Management Development*, 24 (1), 7-33.
- Nascimento, L. F. (2011). *As formas criativas de pensar na terceira idade e quarta idades*. Lisboa: Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.
- Ochse, R. (1990). *Before the gates of excellence: The determinants of creative genius*. New York: Cambridge University Press.
- Rudowicz, E. (2003). Creativity and Culture: A two way interaction. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 47 (3), 272-290.
- Saad, C. S., Damian, R. I., Benet-Martínez, V., Moons, W. G., & Robins, R. W. (2013). Multiculturalism and Creativity: Effects of Cultural Context, Bicultural Identity, and Ideational Fluency. *Social Psychological and Personality Science*, 4 (3), 369-375.

- Sayed, E. M., & Mohamed, A. H. (2013). Gender Differences in Divergent Thinking: Use of the Test of Creative Thinking-Drawing Production on an Egyptian Sample. *Creativity Research Journal*, 25 (2), 222-227.
- Seabra, J. M. (2007). *Criatividade*. Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em, <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>.
- Stefania, M., & Eleonora, F. (2013). *The development of creative thinking in preschool and school age children*. 1st International Congress of Educational Sciences and Development, 7-11.
- Stoltzfus, G., Nibbelink, B. L., Vredenburg, D., & Thyrum, E. (2011). Gender, Gender role, and Creativity. *Social Behavior and Personality*, 39 (3), 425-432.
- Wu, C. H., Cheng, Y., Ip, H. M., & McBride-Chang, C. (2005). Age Differences in Creativity: Task Structure and Knowledge Base. *Creativity Research Journal*, 17 (4), 321-326.